

O Atlas Lingüístico do Brasil e os primeiros passos da Equipe Uel

Vanderci de Andrade **AGUILERA**

Fabiane Cristina **ALTINO**

Universidade Estadual de Londrina

Rosa Evangelina de Santana Belli **RODRIGUES**

Faculdade Paranaense

Introdução

O Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), lançado na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, começa a sair, literalmente, do papel. No papel estavam até há pouco as discussões sobre os Objetivos e a Metodologia (meios de coleta dos dados, questionários, pontos lingüísticos, informantes, equipamentos, formas de arquivamento, etc.). Começa a sair também do plano teórico e prático de preparação de inquiridores (atualização bibliográfica, organização e realização de workshops e de inquéritos experimentais) a equipe permanente de investigadores de campo, devidamente preparada segundo os princípios rigorosos que nortearam a proposta desde a sua concepção.

O ALiB já está na estrada, nas ruas, nos gravadores, nos mini-discs, nas fotos, nos disquetes, nos arquivos e também retornando pouco a pouco, com resultados, novamente para o papel e para os disquetes. Está na estrada e, principalmente, armazenado e aqui discutido, graças ao desprendimento de pesquisadores, como Harumi Pisciotta, de saudosa memória, que doou o Pró-labore de cursos que ministrou pelo Programa Alfabetização Solidária, em Alagoas e em outras localidades, para a compra de gravadores, mini-discs, disquetes e pagamento aos informantes.

O ALiB é dirigido por um Comitê Nacional, constituído de uma equipe de pesquisadores de várias universidades federais brasileiras (UFBA, UFC, UFJF, UFMS e UFRGS) e da Universidade Estadual de Londrina. Dentre esse grupo, o corpo de Diretores Científicos está encarregado da coordenação regionalizada da coleta de dados. Dessa forma, à Diretora Científica, Vanderci de Andrade Aguilera, compete a condução dos trabalhos de campo nos estados do Pará, Amapá, Rondônia, São Paulo, Goiás, Paraná, Mato Grosso do Sul ke São Paulo, contando nestes dois últimos com as subcoordenadoras Dr.^a Aparecida Negri Isquerdo e Vandersí Sant'Ana Castro, respectivamente.

O Projeto prevê a coleta de dados em 250 localidades distribuídas pelos 26 Estados e em sete deles iniciaram-se as entrevistas definitivas: Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Alagoas e Bahia. Neste artigo, apresentaremos o início dos trabalhos realizados pela equipe da UEL nos estados de Goiás, no município de Quirinópolis; do Mato Grosso, em Cuiabá; e do Paraná, em Curitiba.

1. Quirinópolis (GO)

No elenco dos 250 pontos lingüísticos a serem investigados para o ALiB, Quirinópolis, no centro-oeste goiano, recebeu o número 126¹. Goiás, que, segundo o Censo de 2000, contava com 1.000.000 de habitantes, será contemplado no ALiB com 8 outros municípios além de Quirinópolis, distribuídos por todas as regiões do Estado: São Miguel do Araguaia (ponto 118), Alvorada do Norte (ponto 119), Aruanã (ponto 120), Formosa (ponto 121), Goiás (ponto 122), Goiânia (ponto 123), Jataí (ponto 124) e Caldas Novas (ponto 125), totalizando 40 informantes, dos quais trinta e dois do interior, com nível mínimo de escolaridade, e oito da capital, sendo quatro com nível mínimo de escolaridade e quatro com nível superior.

¹ Até parece providencial começar pelo início da 2ª metade, porque se tem a impressão de que muito já se caminhou.

Embora sem qualquer verba oficial para custear as despesas de viagens aos locais das coletas, o Comitê abriu oficialmente essa fase da pesquisa em junho de 2001, quando a Diretora Científica Vanderci Aguilera recebeu o convite para ministrar uma disciplina no curso de Especialização na Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Quirinópolis. Tratava-se, pois, de excelente oportunidade de se realizar, praticamente sem ônus financeiro para o ALiB, a pesquisa de campo, ainda mais por se tratar de um curso noturno ministrado durante uma semana, possibilitando à pesquisadora, durante o dia, conhecer melhor a comunidade em questão.

Quirinópolis – terra de leite e mel - é um município relativamente jovem, localizado no sudoeste do Estado de Goiás, às margens do lago São Simão, no rio Paranaíba, a 280 km de Goiânia. No entanto, sua origem remonta aos meados do século XIX, mais precisamente no ano de 1832, com a chegada de uma família mineira, procedente de Ouro Preto, acompanhada de grande número de escravos, que toma posse de vasta extensão de terras. Com o nome de Abadia do Paranaíba, a Povoação, reunida em torno da capela de Nossa Senhora d'Abadia, é elevada à categoria de Freguesia, em 1879. As doenças, principalmente a maleita, afastam pouco a pouco seus habitantes. Em 1910, José Quirino Cardoso constrói a atual Igreja Católica (Velha Matriz) e, vinte anos depois, a Freguesia é elevada à categoria de Distrito de Rio Verde, com o nome de Quirinópolis, em homenagem ao antigo desbravador. Emancipa-se em 1944, mas o desenvolvimento só se acentua em 1966 com a inauguração da Hidrelétrica de Cachoeira que impulsiona a agricultura e a pecuária refletindo-se no crescimento das atividades do setor terciário². Pelo Censo de 1991, contava com 30 822 habitantes, dos quais 5 690 apenas se encontram na zona rural, o que mais uma vez justifica a elaboração de um Atlas Lingüístico do Brasil urbano dado o crescente esvaziamento do

² Os dados históricos foram extraídos do panfleto comemorativo dos 58 anos de Quirinópolis e publicado pela Prefeitura Municipal.

campo. Cidade agradável, ajardinada; população estável e acolhedora; comércio ativo. O poder público municipal, das últimas gestões, tem-se empenhado em oferecer oportunidade de melhora nas condições de vida dos moradores de baixa renda através de cursos de curta duração e facilidades de venda dos produtos manufaturados.

A primeira entrevista do ALiB realizada nessa localidade foi com o informante masculino da faixa etária 1 (18 a 30 anos). Para encontrar os informantes e realizar as entrevistas foi fundamental a colaboração da direção do Centro Comunitário Dona Margarida, que escolheu, dentre os funcionários, os quatro que correspondiam ao perfil definido no Projeto ALiB.

Quanto ao ambiente da coleta de dados, as entrevistas foram realizadas numa sala do referido Centro, em ambiente tranqüilo, poucas vezes perturbado pela intervenção de um ou outro funcionário desavisado. Só não se contava com um caminhão de som ambulante que teimava em circular várias vezes pelos arredores...

No que se refere aos procedimentos metodológicos definidos pelo Comitê, um deles não foi cumprido - a presença do pesquisador auxiliar - dado o objetivo principal da viagem: ministrar curso na UEGO. Este fato exigiu da entrevistadora atenção redobrada na aplicação e controle dos Questionários.

Quanto à produtividade do questionário fonético-fonológico, os homens demonstraram melhor desempenho do que as mulheres, numa média de 7 e 28 questões sem resposta, respectivamente. As perguntas sem resposta na maioria dos casos estavam ligadas à cultura local. Por exemplo, a questão 23 indagava pelo nome do referente *grelha* que não foi elicitada por 75% dos informantes, duas mulheres e um homem. Acredita-se que na localidade o churrasco seja assado em espetos e não em grelha. Outro caso é o da busca do registro *defesa* sistematicamente omitido pelas mulheres quirinopolinas dado o desinteresse por esportes como o futebol e boxe, que pressupõem regras de ataque e defesa. Outras abstenções,

entretanto, prendem-se à polissemia vocabular que a questão suscita, como as que prevêem o registro de *início*, *encontrar*, *liquidação* mas que foram respondidas respectivamente com parassinônimos, como *princípio*, *começo*; *achar*; *queima*, *queima de estoque*, *promoção*.

O contato com culturas diferentes, mesmo dentro do mesmo território, leva o inquiridor a refletir sobre a composição e aplicação dos questionários. A cultura unicamente livresca não garante o sucesso da entrevista dialetológica: é preciso ouvir o informante sobre a melhor maneira de se argüir sobre este ou aquele tema. Destacamos, na entrevista nº 1 do ALiB, a questão 32 que busca as variantes fonética para *abóbora* argüindo sobre ‘aquilo que dá no chão, grande, com casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce’. Esta formulação nem sempre foi satisfatória, pois, após inúmeras tentativas fracassadas, aquele informante esclareceu que

porque como a senhora [perguntou] eu achei que a senhora falô que eu num tava nem compreendendo, mais a gente sempre nós plantava muito, muita, muita abóbora des que num ... lá no milho né quando tava com a plantadeira plantava junto, colhia quase tudo no mesmo tempo.

Dessa forma, os dados dessas primeiras entrevistas definitivas para o ALiB, junto com as registradas durante as aplicações experimentais apontam para a necessidade constante de o entrevistador estar preparado para reformular as questões e ter êxito em seu trabalho.

2. Paraná e Mato Grosso

Na distribuição de pontos para a pesquisa, seguindo os critérios estabelecidos pelo Comitê Central, o Projeto ALiB atribuiu ao Paraná dezessete pontos de inquérito, totalizando 72 informantes a serem investigados. Desses pontos, cinco já foram visitados: Tomazina (ponto

211), Pirai do Sul (ponto 214), Imbituva (ponto 218), Curitiba (ponto 220) e Morretes (ponto 221), reunindo um total de dezenove entrevistas. Na capital, foram realizadas as oito entrevistas programadas pelo projeto: quatro com informantes de nível fundamental e quatro com informantes de nível superior, sendo já possível elaborar um perfil dos traços lingüísticos que definem o falar curitibano.

Já no estado de Mato Grosso, o projeto ALiB prevê 09 pontos e 40 informantes: Aripuanã (ponto 103), São Félix do Araguaia (ponto 104), Diamantino (ponto 105), Paranatinga (ponto 106), Vila Bela da Santíssima Trindade (ponto 107), Cuiabá (ponto 108), Barra do Garça (ponto 109), Cáceres (ponto 110) e Alto Araguaia (ponto 111). Iniciou-se a coleta neste estado pela capital - onde foram realizadas seis das oito entrevistas programadas pelo ALiB - pelo mesmo motivo exposto para Quirinópolis: convite à Diretora Científica para ministrar curso de Especialização na UFMT.

A pesquisa nessas cidades ajudou a preparar a equipe e a organizar o trabalho posterior. Para diminuir ou dificultar problemas na coleta, foram tomadas providências tais como elaborar um plano de atividades tanto para o inquiridor principal quanto para o auxiliar, com o intuito de sistematizar a pesquisa de campo, evitando perdas e impedimentos, bem como elaborar fichas de acompanhamento da entrevista, com as quais é possível controlar melhor as questões que não são respondidas, por exemplo.

Essa sistematização do trabalho de campo facilitou os procedimentos, embora acidentes sempre possam acontecer, principalmente em relação às dificuldades técnicas. O aparelho de gravação com que lidamos - gravador MD-Sony- é novo e sensível. Embora suas qualidades de gravação e posterior audição sejam incontestavelmente superiores aos antigos gravadores K-7, eles também apresentam, como até seria de se esperar, problemas técnicos. Assim, optamos por carregar um gravador a mais, ainda que este seja um K-7, para evitar perder situações proveitosas de interação em virtude de falha no aparelho.

Também foi criado um gabarito no qual se apresentam em tabela todos os números correspondentes às perguntas, divididos como nos questionários, para que o inquiridor auxiliar possa acompanhar com mais facilidade a entrevista. Nesse gabarito, ele marca o andamento das respostas, tornando o trabalho do inquiridor mais tranqüilo, pois este pode concentrar-se exclusivamente na interação com o informante. No final da entrevista, as questões não respondidas, ou mesmo que tenham sido esquecidas por algum motivo, são retomadas com mais facilidade. Esse gabarito também ajuda na transcrição das entrevistas, oferecendo um quadro que revela os resultados de maneira muito mais prática.

3. A cidade de Curitiba: uma rápida visão histórica

Capital do Estado do Paraná, Curitiba foi fundada em 29 de março de 1693, mas somente em 1721 recebeu essa denominação. Com o Tropeirismo, durante os séculos XVIII e XIX, o povoado viu crescer o comércio e a prosperidade chegar, pois era pouso privilegiado no Caminho de Viamão, que ligava São Paulo a Minas Gerais e por onde circulavam os tropeiros com suas cargas e mulas. Em 1853 tornou-se Capital da recém criada Capitania do Paraná.

A economia de Curitiba, atualmente, está centrada na indústria e, cada vez mais, no setor de serviços, incluindo o turismo, que tem crescido nos últimos anos. Em dados do censo de 2000, a cidade já possuía 1.587.315 habitantes, exclusivamente em área urbana, recebendo por mês 2.500 pessoas, oriundas em sua maioria do interior do próprio Estado. Segundo dados do governo, Curitiba tem uma taxa de alfabetização de 96,9%.

Embora obviamente sofra de problemas comuns à maioria das grandes cidades, ela é conhecida como “capital ecológica do Brasil”, título obtido pela extensão de sua área verde e por ser pioneira em programas de cuidado com o meio ambiente como a reciclagem de lixo, o transporte coletivo integrado e as estações de coletivos em formato de tubo.

4. A cidade de Cuiabá: revisitando dados históricos

Fundada em 1719, Cuiabá localiza-se no centro geodésico do Brasil. Capital do estado de Mato Grosso, sua colonização foi feita por bandeiras paulistas que vieram para a região em busca de minerais preciosos às margens do rio Coxipó, e de índios para o trabalho escravo.

As notícias sobre uma rica jazida de ouro encontrada nas proximidades do Córrego da Prainha e da Colina do Rosário fizeram expandir a população trazendo consigo o governo colonial português.

O declínio da produção, a baixa qualidade do ouro de aluvião, os impostos elevados e ainda a descoberta de novas jazidas na região foram responsáveis por um período de decadência na exploração do ouro. Passou-se a investir nas atividades agrícolas para sustentação da economia local. Após um período de pouco desenvolvimento, quase um século depois de sua fundação, Cuiabá conquistou a condição de cidade, através da Carta Régia de 1818 e declarada capital de Mato Grosso em 1835.

O final da Guerra do Paraguai e a realização de obras de infraestrutura impulsionam o crescimento da região que passa a ter expressiva produção da agroindústria açucareira e intensas produções extrativas de poaia³ e de seringa.

A capital mato-grossense, de acordo com o Censo de 1991, conta com 483.346 habitantes, concentrados, na sua maioria na área urbana - 476.532 habitantes – e apenas 6.814 na área rural.

³ Poaia ,do tupi pu'aya, refere-se a erva humilde da família das rubiáceas, de longas raízes grossas e nodulosas que fornece a emetina (alcalóide utilizado como poderoso medicamento e poderoso emético) e vivem no solo das florestas pluviais da Bahia e do Mato Grosso. Outras denominações: cagosanga, raiz-do-brasil e ipecacuanha.

5. Notícias das entrevistas geolingüísticas aplicadas em Curitiba e em Cuiabá

Em Curitiba as entrevistas foram realizadas por quatro entrevistadores. A título de experiência, optou-se por colocar em contato inquiridores e informantes da mesma faixa etária e observou-se que os resultados foram positivos, pois os interlocutores ficavam mais à vontade para se comunicar com pessoas da mesma idade ou de idade aproximada. Quanto à seleção dos informantes, em muito contribuiu a figura da facilitadora, no caso professora veterana⁴ de uma escola municipal de Curitiba, mestre em Letras e dialetóloga, que, além de entender perfeitamente os objetivos da pesquisa, criou um clima de descontração entre os informantes - alunos, funcionários e professores - e a equipe de investigadores. O local das entrevistas foi adequado e tranqüilo e, em sua maioria, foi a própria escola. Em apenas duas delas a casa da facilitadora serviu de ambiente para a coleta de dados.

Quanto ao desempenho dos informantes, observa-se a recorrência de determinadas questões que apresentam maior dificuldade de obtenção de resposta tanto no Questionário Fonético-fonológico (doravante QFF) como no Questionário Semântico-lexical (doravante QSL). A tabela abaixo mostra o índice de ausência de respostas junto aos oito informantes de Curitiba (PR) e aos sete de Cuiabá (MT), apresentando-se seqüencialmente as questões com índice maior de ausência ou abstenção de respostas em ambas as localidades:

⁴ Trata-se da professora Jane Bernadete Lambach, mestre pela UEL, autora da dissertação: O léxico da cachaça: resgate e memória, orientada por Vanderci Aguilera.

Nº da Questão no QFF ou QSL	QUESTÃO FORMULADA	Ausência de resposta	
		PR	MT
Questão 79/QSL	...a cabra que não tem _____ (cf. item 77) (cabra sem chifre)	6	4
Questão 55/QSL	...a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? (<i>cangalha</i>)	5	2
Questão 54/QSL	...a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/ bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca? (<i>cangalha/forquilha</i>)	5	2
Questão 56/QSL	...a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? (<i>canga</i>)	4	3
Questão 142/QFF	...a abertura da calça do homem fechada com botões ou com zíper? (<i>braguilha</i>)	3	3
Questão 24/QSL	...a claridade avermelhada do céu antes de ____ (cf. item 23) (<i>alvorada</i>)	3	3
Questão 33/QSL	Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa? (<i>Via Láctea/Caminho de Santiago</i>)	3	3
Questão 47/QSL	Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte? (<i>soca / touceira</i>)	3	2
Questão 44/QSL	...a ponta roxa do cacho da banana? (<i>Parte terminal da inflorescência da bananeira / umbigo / coração</i>)	4	1
Questão 51/QSL	...raiz parecida com ____ (cf. Item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha, polvilho ou goma? (<i>mandioca</i>).	4	-
Questão 59/QSL	a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome? (<i>borrego</i>) (do nascer até...)	3	-
Questão 179/QSL	...uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela? (<i>curau / canjica</i>)	3	-

A partir dos dados apresentados e da análise das entrevistas, foi possível separar as dificuldades de resposta em dois grupos; i) o desconhecimento do referente (ou mesmo da denominação do objeto), índice maior; ii) questões não respondidas em virtude de um esquecimento momentâneo do informante.

A primeira dificuldade, mais comum, será privilegiada nesse momento e relaciona-se ao conhecimento de mundo, especificamente urbano ou rural. Talvez como fosse mesmo de se esperar em Curitiba, a maior parte das não-respostas por desconhecimento dos referentes está relacionada a hábitos, alimentos ou objetos rurais não encontrados nas cidades, haja vista tratar-se de um município exclusivamente urbano.

A informante do sexo feminino, de escolaridade mais alta, por exemplo, responde à questão 47 do QSL (*resto do arroz que fica na terra depois da colheita*), na retomada, com uma afirmação bastante clara sobre esse aspecto: “Não sei, não... ((De roça...)) não, de roça eu não entendo nada, de arroz então que dá na água e tem cobra, Deus o livre”. A mesma informante, que se mostrou plenamente cooperativa em toda a entrevista, em outro momento (nº54 – QSL - cangalha) afirma: “Já vi na televisão, no programa Globo Rural ((Isso)) e não é só do porco, né, outros bichos também ((Quais outros bichos que a gente pode colocar?)) é, cabrita eu vi, cabrita [...] é... não sei como é o nome daquilo”.

Esta última resposta evoca não só o desconhecimento do referente rural, mas atesta a disseminação cultural através dos meios de comunicação, neste caso, a televisão. Embora informada, no entanto, sobre a existência do referente, esse conhecimento superficial não substitui o conhecimento elaborado a partir de vivência no campo, por isso, ela não denomina o objeto, não há apropriação cultural. Embora conheça o objeto, ele não faz parte de sua cultura.

Essa situação encontra sua contrapartida nas áreas rurais quando o informante não tem conhecimento da designação por não conhecer o referente do mundo urbano. É o caso de questões como a nº 194 (QSL - *sinaleiro/semáforo/sinal*) ou a nº 198 (QSL *rotatória/rótula*), que não foi respondida por dois informantes em Cuiabá. Nessa cidade observamos, por outro lado, que referências do meio rural convivem com o meio urbano. Nas questões nº 47 (QSL -*soca / touceira*), nº 59 (QSL- *borrego*), nº 179 (QSL- *curau/ canjica*), nº 44 (QSL- parte terminal da inflorescência da

bananeira/ *umbigo/coração*), nº 51(QSL- *mandioca*) não apresentaram dificuldades para a resposta. Estas questões, relativas ao mundo rural, são facilmente respondidas pelos cuiabanos, fazendo-nos supor que a história do município, essencialmente extrativista e agrícola, influencia diretamente na fala dos moradores da localidade.

Em outras entrevistas, realizadas em cidades menores, é possível identificar um meio termo: por exemplo, mesmo morando numa região urbana, o informante não distingue *ônibus urbano* (nº 200 - QSL “... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade.) e *ônibus interurbano* (nº 202 – QSL...a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra), uma vez que na localidade não se utiliza, nem é necessário, ônibus para circular na cidade.

Como se pôde perceber, a questão 79 – *cabra sem chifre* – é a que detém o maior número de não-respostas, tanto em Curitiba (6 não-respostas) quanto em Cuiabá (4 não-respostas). A explicação para isso talvez esteja no fato de que este, além de ser um conhecimento particularmente rural, é específico de localidades onde há criação de caprinos. O interessante nessa questão é que o informante freqüentemente a sente como o extremo do que ele não poderia saber. Costuma presumir ou lembrar-se de algo sobre boi, questão 78 (*boi sem chifre*), mas em relação à cabra, talvez por ser menos comum, ele revela desconhecimento total e até se surpreende com a pergunta.

Outras vezes, o desconhecimento é gerado pelo fato de o vocábulo não ser utilizado pela geração do informante ou por não ser de uso na região. Estão incluídas nesses casos questões como a de nº 142: *braguilha* e nº 138: *doido*, ambas do QFF. Mas a participação também da rede social na manutenção e disseminação de itens do vocabulário fica clara na resposta do informante masculino de nível fundamental (mais jovem), na cidade de Curitiba, para pergunta...a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper:

Informante: Zíper.
Entrevistador: a abertura...
Informante: braguilha.
Entrevistador: você usa essa palavra?
Informante: não.
Entrevistador: por que você respondeu certo?
Informante: ah, porque eu sempre ouvia assim na televisão geralmente, e meu pai fala braguilha.
Entrevistador: porque os jovens de hoje não falam.
Informante: não, a gente já fala zíper.
Entrevistador: eu não consigo com quase ninguém, eu até admirei você falar.
Informante: meu pai fala que às vezes a gente tá com a braguilha aberta.
Entrevistador: aí ele diz fecha...
Informante: fecha a braguilha.

Já o informante de Cuiabá da segunda faixa etária, de 50 a 65 anos, respondeu à questão n° 142 somente o referente solicitado *barguia*. Outro informante respondeu após a interferência do circunstante:

Informante: Zíper.
Entrevistador: é, mas tem outro nome...Como é que fala? Por exemplo, você encontra alguém que está com... aberto assim... Você fala: feche a...
Informante: Fecha a... fecha o zíper, a calça, fecha o botão .
Entrevistador: Fecha o quê?
Circunstante: *braguia*.
Informante: a braguia.

Outra questão que oferece certa dificuldade de obtenção de resposta é a de n° 38 do QFF, para *doido*, que não gerou dificuldade acentuada em Curitiba, mas em Cuiabá gerou 3 abstenções. Uma explicação possível

para a dificuldade parece estar no crescimento de religiões evangélicas, cujos praticantes não a utilizam, por considerarem-na muito “forte”. Em outras regiões, a dificuldade de obtenção -com a necessária exatidão, por ser um item do QFF - dá-se apenas por serem outras as formas utilizadas para designar a pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa ser até internada num hospício, inclusive formas arcaicas, como a encontrada no nordeste do Paraná, no município de Adrianópolis: giro.

Em relação ao Questionário Morfosintático (doravante QMS), registram-se os seguintes dados:

QMS nº	QUESTÃO	Ausência de resposta	
		PR	MT
22	Adjetivo: bom/mau (ruim): Você / o senhor prefere a comida de sua esposa/ de sua filha ou de sua mãe? (...).Apurar a variação mais boa/ melhor, mais má / pior.	3	2
34	Viver (3ª pessoa do plural): Como é a vida das pessoas que não têm casa? (...).	3	4
35	Ouvir (1ª pessoa do singular): Você/o(a) senhor(a) ouviu rádio/música/bem alto ou baixinho? (...)	3	3
36	Caber (1ª pessoa do singular) O carro está lotado, mesmo assim o motorista insiste que ainda cabe alguém. Mas eu digo: “Não, eu não _____”.	3	5
39	Saber (1ª pessoa do singular): Quando você/o(a) senhor(a) toma conhecimento de que um amigo casou, como comenta, com esse amigo essa novidade? “Oh! Tudo bem? Eu ___que casou”. Apurar a existência da variação soube/sube.	3	4
42	Pôr (1ª pessoa do singular): Uma pessoa procura um objeto (...) e não acha. Então ela pergunta onde você/o(a) senhor(a) pôs o objeto. Como é que você / o(a) senhor(a) responde? Apurar a existência da variação pus/ponhei.	3	4

Pode-se perceber que houve certa homogeneidade quanto à dificuldade nas perguntas elencadas. Muitas respostas encontram-se no transcorrer da entrevista, e, nesses casos, não foram relacionadas.

É perceptível certo receio do informante em lidar com formas da língua talvez já bastante marcadas (ouço/ouvo, caibo/cabo, soube/sube, vive/vevi, pus/ponhei). Com a possibilidade de falar “errado”, ele prefere (ou realmente não usa?) descartar a forma desejada pelo inquiridor. Por isso, registraram-se inúmeras perífrases verbais ou de uso de expressões equivalentes para evitar tais formas. Nesses casos, quando se percebem as expressões como equivalentes, considera-se a resposta, por constituir-se também num dado lingüístico.

Isso não acontece apenas em relação ao QMS, porém, porque no QSL e mesmo no QFF, encontram-se correções do informante e a troca pela variante padrão, às vezes com explicação do motivo do uso de uma ou outra forma. Quando é feita, esta troca freqüentemente gera comentários depreciativos da variedade mais popular, como se o informante se sentisse valorizado ao indicar que conhece o “certo” da língua, a forma mais valorizada socialmente.

Como se pode perceber, tais dados revelam hábitos lingüísticos e características de fala da região, por isso, afirmou-se no início já ser possível esboçar um perfil do informante. É claro que, não sendo um estudo extensivo, promove-se em todo o texto certa relativização, em virtude até do fato de estar a pesquisa no ALiB no início e, manipulando dados parciais, prefere-se neste momento não se apontar resultados que exigem pesquisa sistemática para a aferição de resultados confiáveis. Os comentários podem ser vistos, entretanto, como hipóteses de trabalho, sobre as quais podem ser construídos estudos posteriores.

Considerações finais

É preciso que a análise do que têm revelado os inquéritos realizados até o momento seja desdobrada, considerando-se, de um lado, os procedimentos metodológicos e de outro o acervo lingüístico coletado.

Quanto ao primeiro aspecto, o metodológico, cumpre registrar três problemas inerentes ao trabalho de campo: identificar o mediador local, selecionar os informantes com o perfil definido pelo Comitê Nacional do ALiB e a sistematização do trabalho de campo.

Quanto ao mediador local, a equipe tem se valido de alunos dos cursos da graduação em Letras e da pós-graduação em Estudos da Linguagem que moram nas localidades definidas como pontos de inquérito lingüístico do ALiB, como ocorreu em Curitiba, Cuiabá, e também nas cidades de Campo Grande, Ponta Porã, Belém e Campinas. Trata-se de pessoas que conhecem o informante e o preparam para a entrevista. Nas demais, recorremos, com êxito, às Prefeituras locais, através da Secretaria de Educação e Cultura. Entretanto, apesar de se fazer os contatos com mais de um mês de antecedência, nem sempre é possível realizar todas as entrevistas numa única viagem.

Quanto à seleção dos informantes, a maior dificuldade apontada pelos mediadores, no Paraná (Curitiba, Morretes, Piraí do Sul e Tomazina), tem sido encontrar o informante jovem (de 18 a 30 anos) do nível I de ensino. Alegaram os secretários e professores que, em concursos para cargos públicos, a exigência mínima do curso fundamental completo tem levado grande parcela da população a voltar aos bancos escolares, para o antigo ensino supletivo, sobretudo. Fontes do IBGE/2000 indicam que no Paraná o índice da população alfabetizada (maiores de dez anos de idade) é de 91,4% e nas cidades de Curitiba, Morretes, Piraí do Sul e Tomazina o índice é de 96,9%, 90,8% e 84,5%, respectivamente. Quanto ao Estado de Goiás, segundo a mesma fonte, a população maior de 10 anos de idade, alfabetizada, totaliza 87,1% e em Quirinópolis, local da 1ª

entrevista, a alfabetização representa 89,2% do total. Nas capitais Cuiabá e Campo Grande o índice alcança 94,4% e 94,6% do universo mencionado. Outro elemento dificultador para a seleção do informante do nível I de escolaridade tem sido a exigência de uma profissão inserida no contexto social. A prática tem demonstrado que está cada vez mais raro encontrar um jovem entre 18 e 30 anos, com até 4 anos de escolaridade, formalmente empregado, isto é, com carteira assinada. A maioria trabalha informalmente, no setor de prestação de serviços, revenda, trabalhos esporádicos.

A sistematização do trabalho de campo, por sua vez, é condição básica para o sucesso da coleta de dados e isso implica: i) capacidade do entrevistador de operar com os novos gravadores – gravadores de MDs – com capacidade superior de resolução em relação aos antigos gravadores em fitas K7, mas são muito mais sensíveis, apresentando problemas técnicos difíceis de serem detectados no ato da recolha de dados; ii) organização prévia de todo o material em ambiente adequado para que o informante possa chegar e iniciar de pronto o trabalho com o entrevistador, sem passar por uma espera inútil e cansativa e iii) controle, pelo pesquisador auxiliar, das perguntas não respondidas, anotadas numa tabela previamente elaborada.

Em síntese, entendemos que o resultado final do projeto ALiB, somado aos dos estudos individuais e aos dos atlas regionais que adotaram a mesma metodologia, além do retrato do português contemporâneo, fornecerá subsídios para solidificar princípios metodológicos já consagrados e para redefinir parâmetros que poderão enriquecer a dialetologia moderna. Ao mesmo tempo em que o ALiB poderá registrar aspectos da língua em vias de desaparecimento, evidenciará a renovação lexical que está se processando.

Frente ao exposto, ficam alguns questionamentos à espera de que o ALiB aponte caminhos para a busca de respostas: a) Considerando que o trabalho artesanal está dando lugar ao tecnológico, qual será o formato ideal dos instrumentos de coleta para a dialetologia moderna? b) Os

questionários específicos a par do geral serão um imperativo? A inegável importância da pesquisa dialetológica e dos trabalhos geolingüísticos como fonte de dados para estudos da língua por si só justifica uma rediscussão de aspectos da metodologia dos trabalhos dialetológicos, face às exigências do mundo moderno.